

REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

## SITIENTIBUS

## EDUCAÇÃO, ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

## RESENHA

**NARRATIVAS EM JÚRI NO CIBERESPAÇO: FALAS, PERCURSOS, PRÁTICAS E MODOS DE (R)EX(S)ISTIR***JURY NARRATIVES IN CYBERSPACE: SPEECHES, PATHS, PRACTICES AND WAYS OF (R)EXISTING*

BRUNO SILVA NASCIMENTO

Doutorando na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: brunosinasci@gmail.com

MARIA JEANE SOUZA DE JESUS SILVA

Mestra em Educação e Diversidade (PPED/UNEB), professora da Rede Municipal de Monte Santo/BA. E-mail: jeanymped@gmail.com

Silva, J. G.; Zandoná, J.; Brandão, A. S.; Gasparetto, V. F. (Orgs). **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

A presente Resenha – *Falas, Percursos, Práticas e Modos de (r)ex(s)istir*, organizada por Silva, Zandoná, Brandão e Gasparetto (2023) faz parte das publicações da série de eventos do Seminário Internacional Fazendo Gênero. As discussões apresentadas no volume emergem das contribuições e dos desdobramentos levantados durante a edição realizada em 2021. Nas palavras dos(as) autores(as) os relatos têm desempenhado um papel substancial na mobilização de debates e na disseminação de conhecimentos sobre feminismos e estudos de gênero desde a sua primeira edição há algumas décadas.

Sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e organizado por pesquisadores(as) e colaboradores(as) do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC), o Fazendo Gênero destaca-se pelo esforço coletivo em promover um espaço dialógico interdisciplinar no âmbito acadêmico. Esse valioso constructo reúne intelectuais de diversas áreas do conhecimento para planejar, executar e concluir a proposta, já que esta configura-se como um projeto abrangente, que se estende por múltiplas etapas e comissões, desde a chamada para simpósios temáticos até a programação final do evento. Ademais, o evento dedica-se à produção de material bibliográfico, incluindo anais eletrônicos e seções temáticas, que circulam em espaços acadêmicos (e para além).



No campo teórico-epistêmico-metodológico demarca-se essas pesquisas como Vozes em júri, uma vez que o ciberespaço traz agenciamentos, imprevisibilidades alhures a interpretações, construções e ideologias situadas. Coabitar os tempos e os espaços das plataformas digitais, das publicações em tela, abrem brechas para tantas discussões, e fazendo jus ao momento sócio-político da conjuntura brasileira, em que temos presenciado as tentativas de cerceamento de direitos, outrora considerados incontestáveis, abre-se um leque na promoção de luta pela igualdade de gênero, qualificação a respeito da cidadania, equidade por direitos humanos e justiça social.

Para explicitar o termo ciberespaço, um espaço (desterritorializado) que engloba “[...] não apenas a infraestrutura material da comunicação, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17). Por ser um local (desterritorializado) e de fácil acesso, permite a todos (mesmo que de forma desigual), publicar textos, vídeos, imagens, *podcasts* e, assim, em alguns momentos são veiculadas uma avalanche de discursos de ódio nas mídias. Em contraponto, *Falas, Percursos, Práticas e Modos de (r)ex(s)istir* apresenta uma abordagem crítica e reflexiva sobre questões de gênero, resistência, subjetividades, identidades e narrativas imanentes aos contextos culturais específicos, além de fomentar uma abordagem transformadora, propiciando o surgimento de novos paradigmas educacionais amalgamados às diferenças/diversidade. Um legado em prol da justiça social e da equidade por direitos.

De acordo com Silva, Zandoná, Brandão e Gasparetto (2023) a obra destaca a adaptação e resiliência necessárias para a realização do 12º Seminário Internacional Fazendo Gênero de forma virtual em 2021, devido à pandemia de COVID-19. Esse evento, que contou com mais de dois mil trabalhos distribuídos em várias atividades, reforça a importância da tríade academia-ativismo-cultura na construção de espaços de discussão. A comissão de acessibilidade desempenhou um papel fundamental, garantindo que o evento fosse inclusivo e acessível a todos os participantes. A fecunda programação cultural e as diversas seções temáticas do livro ilustram como o seminário integra vozes acadêmicas, artísticas e ativistas, promovendo elucubrações relevantes sobre questões de gênero, direitos, diversidades e afetos.

O e-book congrega 29 trabalhos apresentados durante o evento, representa um rico mosaico de pesquisas, práticas e experiências que enaltecem as diferenças/diversidade das lutas feministas. Para esta resenha, considerando a diversidade de temas, foram selecionados 10 textos para apreciação, com uma análise geral do conjunto de capítulos ao final desta resenha. Cada autor(a) coopera com problematizações que ampliam o entendimento sobre questões de gênero, feminismo, memória cultural e as interseções complexas entre arte, mídia e direitos sociais, assim como as dinâmicas de poder e resistência no contexto contemporâneo.

Nessa enseada, o Capítulo 1 traz à baila os estudos de Nilcéa Freire, intitulado “Política para as mulheres, compromisso de todos os dias”. A autora busca evidenciar as complexas pressões políticas e sociais em torno dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil. Ela destaca como, durante a elaboração do terceiro Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, houve resistência ao uso de termos como “direitos sexuais” e “direitos reprodutivos”, ilustrando a crescente oposição interna a esses temas. Por conseguinte, também aponta como, no Parlamento brasileiro, a tensão entre tendências opostas tem paralisado decisões legais sobre o aborto, embora a redemocratização do país tenha ampliado o debate público sobre a questão.

Ademais, Nilcéa Freire analisa criticamente as ações do governo Bolsonaro, que visavam desmontar políticas e direitos conquistados no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, especialmente o direito ao aborto. Ela cita exemplos específicos, como portarias e projetos de lei que dificultam o acesso a esses direitos, demonstrando uma reversão significativa das conquistas anteriores. A autora também destaca o papel fundamental na defesa desses direitos em fóruns internacionais, contrastando essa atuação com a atual postura do Brasil, que se engaja a países ultraconservadores que procuram barrar referências à saúde sexual e reprodutiva nos documentos internacionais.

Nessa linha de pensamento, no capítulo seguinte, de Lourdes Maria Bandeira, em uma “Homenagem à Nilcéa Freire (1953-2019): Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres”, busca enaltecer a trajetória da ministra, destacando sua importância e influência na política brasileira, especialmente no campo dos direitos das mulheres. Ao apresentar um panorama detalhado da vida e carreira de Nilcéa, Bandeira (2023) evidencia a dedicação e o impacto da ministra em diversas áreas, desde a educação até a saúde, passando pela luta contra a discriminação e pela promoção da igualdade de gênero.

Ao relatar as conquistas de Nilcéa Freire, Bandeira (2023) também pretende ensinar sobre a importância do ativismo e da participação política na promoção de mudanças sociais significativas. É nessa tentativa de tentar promover a conscientização dessas causas e movimentos que Nilcéa Freire, por meio de seu trabalho, demonstrou como políticas públicas bem estruturadas e o diálogo com movimentos sociais podem transformar realidades e abrir caminho para a inclusão e o reconhecimento de direitos individuais e coletivos. A autora ressalta que o legado de Nilcéa é um exemplo inspirador de liderança comprometida com a justiça social e a igualdade, servindo como um modelo para futuras gerações de líderes e ativistas.

No Capítulo 3, “Re-Visões e Re-significações da História: Adriana Varejão e Paula Rego em “encontro colonial”, Ana Gabriela Macedo investiga como as artistas Adriana Varejão e Paula Rego utilizam suas obras para reconstituir e reinterpretar narrativas coloniais. Por meio de uma análise minuciosa,

Macedo demonstra como esses(as) artistas questionam e desafiam representações tradicionais da colonização, oferecendo novas perspectivas e reflexões sobre os impactos culturais e sociais desse processo histórico.

Na mesma direção, Ana Maria Veiga, no Capítulo 4, “30 anos da Revista Estudos Feministas: entre emergências e continuidades”, celebra três décadas da Revista Estudos Feministas, destacando sua importância na promoção e difusão do pensamento feminista no Brasil e na América Latina. Veiga traça um panorama das principais contribuições da revista ao longo dos anos, abordando tanto as emergências de novas questões quanto as continuidades de debates históricos no campo dos estudos feministas.

Expandindo discussões sobre o enfoque dos estudos dos gêneros, no Capítulo 5, intitulado, A ‘Voz’ de mulheres afrodescendentes e africanas: empoderamento e renovação”, Joana Passos (2023) discute o papel indispensável das vozes de mulheres afrodescendentes e africanas no cenário contemporâneo. A autora analisa como essas mulheres utilizam suas experiências e histórias pessoais para promover o empoderamento e a renovação social, cultural e política, enfrentando e desconstruindo opressões raciais e de gênero.

Margarida Esteves Pereira, no Capítulo 6, “Cinema, mulheres e memória cultural: o Estado Novo nos documentários Natal 71 e Natureza Morta”, põe em destaque a representação das mulheres e da memória cultural durante o Estado Novo em Portugal, por meio dos documentários “Natal 71” e “Natureza Morta”. Pereira (2023) examina como esses filmes retratam o papel das mulheres na sociedade portuguesa da época e a construção da memória cultural por meio do cinema.

No Capítulo 7, “Feminismo matricêntrico: um feminismo para e sobre as mães”, Andrea O’Reilly (2023) propõe o conceito de feminismo matricêntrico, concentrando-se nas experiências e necessidades das mães. O’Reilly (2023) argumenta que essa forma de feminismo é premente para abordar as questões específicas enfrentadas por mulheres que são mães, destacando a importância de políticas e práticas que apoiem a maternidade.

O Capítulo 8, “Maternidade e maternagem no século XXI: mídias, artes e direitos”, escrito por Maria Collier de Mendonça, Maicyra Teles Leão e Paula Pinhal de Carlos (2023), aborda a representação e os desafios da maternidade contemporânea nas mídias, artes e no âmbito dos direitos. As(os) autoras(es) discutem como novas formas de comunicação e expressão artística influenciam a percepção da maternidade e maternagem, bem como as implicações jurídicas e sociais associadas a essas mudanças.

Em “Mídia, jornalismo, gênero e feminismos: desafios e possibilidades”, Capítulo 9, Melina de la Barrera Ayres e Raquel de Barros Pinto Miguel (2023) exploram a interseção entre mídia, jornalismo e gênero, analisando os desafios e possibilidades no tratamento de questões feministas pela mídia. As autoras enfatizam a necessidade de uma abordagem

crítica e sensível ao gênero na cobertura jornalística e na produção midiática, destacando a importância de representar as vozes e experiências das mulheres de forma justa e inclusiva.

Por fim, e não menos importante, no Capítulo 10, “Feminismo de mercado e publicidade no cenário brasileiro”, Soraya Barreto Januário (2023) examina a comercialização do feminismo na publicidade brasileira. A autora critica a apropriação superficial do feminismo por campanhas publicitárias, questionando a autenticidade e o impacto dessas representações na luta pelos direitos das mulheres.

O livro encerra com uma reflexão sobre a *práxis* dos movimentos sociais, destacando a importância dos afetos na formação de redes de apoio e na promoção de mudanças sociais. A narrativa, “A construção dos direitos a partir dos afetos: a *práxis* da Comissão de Movimentos Sociais do Fazendo Gênero”, capítulo 29, de autoria de Vera Fátima Gasparetto, Luciana Rodrigues Gransotto, Francine Costa, Débora Speck e Pâmela de Amorim Martins (2023), evidencia como as emoções e os vínculos pessoais podem fortalecer a luta por direitos e igualdade de gênero.

Em linhas gerais, as narrativas disseminadas em *Falas, Percursos, Práticas e Modos de (R)ex(s)istir* analisam de forma expressiva questões contemporâneas prementes nos dias hodiernos. Os discursos imanentes ao gênero e aos feminismos, são tratados com propriedade pelos(as) estudiosos(as). Essas pesquisas destacam a interseção entre arte, mídia, memória cultural e direitos sociais, proporcionando elucubrações críticas e reflexivas ampliando o entendimento das dinâmicas de poder e resistência.

Além disso, os capítulos, harmoniosamente, revelam uma abordagem interdisciplinar inevitável para compreender as complexas relações entre gênero, cultura e poder na sociedade. Os(as) autores(as) presenteiam os(as) leitores(as) com contribuições valiosas que não apenas aprofundam a compreensão teórica, mas também apresentam implicações práticas para a promoção da igualdade e da justiça social, trazendo visibilidade aos sujeitos que foram/são marginalizados pelas ideologias hegemônicas, provindas dos países do “centro”. No entanto, é crucial que essas discussões transcendam a teoria e se traduzam em ações concretas que desafiem as estruturas opressivas de poder e promovam mudanças tangíveis na vida das mulheres (não somente).

Logo, o projeto de escrita destaca-se como um recurso indispensável para acadêmicos(as), ativistas e todos(as) aqueles(as) comprometidos(as) com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. As análises e a relevância das temáticas abordadas ao longo dos capítulos fazem deste volume uma leitura indispensável para quem busca entender e transformar as dinâmicas sociais e culturais em um mundo globalizado e complexo, marcado pelo capitalismo e patriarcado.

As experiências aqui expostas, são vozes que se entrelaçam e se transversalizam a outros devires como um leque de possibilidade para promover a resignificação pessoal docente. Em outras palavras, uma travessia emerge e ecoa

por um projeto de educação sem centralidades colonialistas, silenciamentos estratégicos que faz eclodir um cenário desigual, violência simbólica que reflete um “olhar panóptico” (Pennycook, 1994) e desconsidera reflexões sociais e culturais. O bojo dessa discussão é salutar para a ressemantização do ensino na perspectiva decolonial<sup>1</sup>, e o ponto de partida para uma construção crítica da própria experiência enquanto espaço coletivo dialógico, como demonstrado em *Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir*.

## REFERÊNCIAS

AYRES, M. de la B.; MIGUEL, R. B. P. Mídia, jornalismo, gênero e feminismos: desafios e possibilidades. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

BANDEIRA, L. M. Homenagem à Nilcéa Freire (1953-2019): Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

CANDAU, V. M. F. Abecedário de Educação e Interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ; Cinead, 2017.

FREIRE, N. Política para as mulheres, compromisso de todos os dias. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

JANUÁRIO, S. B. Feminismo de mercado e publicidade no cenário brasileiro. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, A. G. Re-Visões e Re-significações da História: Adriana Varejão e Paula Rego em “encontro colonial”. In SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo:

Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

MENDONÇA, M. C.; LEÃO, M. T.; CARLOS, P. P. Maternidade e maternagem no século XXI: mídias, artes e direitos. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

O'REILLY, A. Feminismo matricêntrico: um feminismo para e sobre as mães. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

PASSOS, J. A “Voz” de mulheres afrodescendentes e africanas: empoderamento e renovação. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

PENNYCOOK, A. **O inglês e os discursos do colonialismo**. Londres: Routledge, 1994.

PEREIRA, M. E. Cinema, mulheres e memória cultural: o Estado Novo nos documentários Natal 71 e Natureza Morta. In: SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

VEIGA, A. M. 30 anos da Revista Estudos Feministas: entre emergências e continuidades. In SILVA, J. G.; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A. S.; GASPARETTO, V. F. (Orgs.) **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook-falas-percursos.pdf>. Acesso em: 24 julho 2024.

<sup>1</sup>Este Projeto ontoepistemológico implica na des(re)construção de narrativas dominantes EURO-USA-centristas (Candau, 2017) impostas/dissemnadas na sociedade contemporânea. Então, a decolonialidade possui o papel de questionar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a marginalização de determinados grupos sociais.